

A VISÃO PSICANALÍTICA DA DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA A PARTIR DO CONTEXTO FAMILIAR

Mariana Ferrari de Araújo Mamede¹

Jhordana Costa Araújo²

RESUMO

A visão psicanalítica da depressão na adolescência a partir do contexto familiar – representa o olhar da psicanálise sobre como a depressão atinge o adolescente considerando o ambiente familiar em que está inserido. O objetivo geral do trabalho é caracterizar como o apoio familiar pode influenciar significativamente a longo prazo em casos de depressão na adolescência. Propõe-se assim, frisar como a depressão pode atingir esta etapa da vida, seus sintomas e como a família pode compreendê-lo e ajudá-lo a passar por este processo. Sob essa perspectiva, quando se compreende é possível viabilizar o tratamento, garantir uma melhor qualidade de vida e também nas formas de se relacionar.

Palavras-Chave: Depressão, adolescência, psicanálise e contexto familiar.

ABSTRACT

The psychoanalytical view of depression in adolescence from the family context – represents the perspective of psychoanalysis on how depression affects teenagers considering the family environment in which they are inserted. The general objective of the work is to characterize how family support can significantly influence the long-term in cases of depression in adolescence. Thus, it is proposed to emphasize how depression can reach this stage of life, its symptoms and how the family can understand it and help you to go through this process. From this perspective, when it is understood, it is possible to make treatment feasible, ensure a better quality of life and also in the ways of relating.

Key Words: Depression, adolescence, psychoanalysis and family context.

1. INTRODUÇÃO

A depressão tem aumentado sua incidência, atingindo pessoas cada vez mais jovens, se tornando um problema de saúde pública e mental que vêm assolando a fase da adolescência e os casos, em sua grande maioria, não são perceptíveis pelas pessoas de seu convívio.

No tocante à depressão:

De acordo com CID 10 (2010, p. 117): Em episódios depressivos típicos, de todas as

três variedades descritas abaixo [leve (F32.0), moderado (F32.1) e grave (F32.2 e F32.3)], o indivíduo usualmente sofre de humor deprimido, perda de interesse e prazer e energia reduzida levando a uma fadigabilidade aumentada e atividade diminuída. Cansaço marcante após esforços apenas leves é comum. Outros sintomas comuns são: (a) concentração e atenção reduzidas; (b) autoestima e autoconfiança reduzidas; (c) ideias de culpa e inutilidade (mesmo em um tipo leve de episódio); (d) visões desoladas e pessimistas do futuro; (e) ideias ou atos autolesivos ou suicídio; (f) sono perturbado; (g) apetite diminuído.

Considerando que são sintomas gerais comuns que não é específico de apenas um tipo

¹ Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia – Univar. marianaferrari10@hotmail.com

² Psicóloga formada pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia – Univar; pós-graduada em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico, pela Faculdade Unyleya; Docente Orientadora do curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR – MT – jhordana_araujo@hotmail.com

de público e, visto que, um dos mais graves é o risco de suicídio, que pode levar a própria morte intencionalmente, o que não quer dizer que não pode ser evitado. O suicídio é um problema de saúde pública, e afeta toda a sociedade assim como a família e conhecidos da pessoa que veio a óbito.

Nesse sentido, é inteligível que a depressão pode acometer pessoas de diversas idades e, sendo assim, o estudo a ser desenvolvido tratará sobre a depressão na adolescência, que de acordo com Papalia e Feldman (2013) é um período que compreende as idades entre 11 e 19 ou 20 anos e, segundo Miura et. al (2017) é uma fase muito peculiar na vida de qualquer pessoa, que está situada entre a infância e a fase adulta, sendo marcada pela puberdade. Portanto, é um período que pode ocasionar vulnerabilidade e instabilidade emocional.

Dessa forma, pode-se compreender, em consonância com Babtista; Babtista e Dias (2001) que alguns sintomas depressivos e/ou desordens psicológicas podem ser causados por insatisfações do sujeito com o suporte que obteve do seu grupo social. É importante ressaltar que sujeito, de acordo com Plon e Roudinesco (1998) é um indivíduo que possui a capacidade de olhar os outros, e ao mesmo tempo ser olhado. Portanto, relacionamentos bem construídos com familiares e amigos podem gerar sentimentos de bem-estar no adolescente, enquanto sujeito, o que, conseqüentemente,

ajuda na prevenção de uma possível depressão. Ressaltando a importância dos vínculos e do apego seguro com a família na formação de todo indivíduo.

Dessa forma, a família é percebida como um suporte, composta de ideias enraizadas, onde os genitores, muitas vezes, persuadem no jeito do adolescente de ser e agir; formando regras que guiarão a conduta deste. Portanto, essa relação é naturalmente construída por meio de interações que norteiam os comportamentos, sentimentos e formas de se relacionar da própria família. O contexto familiar é importante, pois é nele que estão as primeiras referências do indivíduo. E é de caráter inquestionável que tais referências são essenciais na construção da história de vida, escolhas, entre outras. Tudo o que é aprendido, sentido (através do afeto) e visualizado, atravessa significativamente o sujeito e pode moldá-lo a longo prazo, são os exemplos, bons ou ruins. (BAPTISTA; BAPTISTA e DIAS, 2001).

Posto isso, o contexto familiar influencia no desenvolvimento psicológico do indivíduo, que para Babtista; Babtista e Dias (2001) é um estado que passa da indiferença para a separação, ou seja, onde a individualidade está em foco; esse período é determinado não só por fatores biológicos, mas também por processos interativos que existem no interior do sistema familiar; estes que são extremamente importantes para o percurso da história de vida desse sujeito, definindo qual será a estrutura

emocional apreendida por ele na família de origem (aqueles que exercem as figuras materna e paterna). Todavia, pode e há casos de famílias que não são facilitadoras desse desenvolver, o que pode tornar conflituosa a passagem da infância para a adolescência.

De acordo com Dantas (2002) o processo da adolescência é eleito por Freud, na Psicanálise, como um dos momentos mais difíceis e dolorosos, pois, é quando acontece o desligamento das figuras parentais. É nesse momento que a formação da sua identidade e relações se iniciam, passando a ter uma visão de si mesmo, do mundo e das situações cotidianas. É um momento complexo para o adolescente, porque, ele começa a se ver como sujeito único, por vezes incompreendido e até se desvincula das pessoas de seu convívio. Essa fase se torna confusa, pois o adolescente quer se tornar apto a delinear sua autonomia, opiniões, preferências, entre outros, ou seja, sua forma de enxergar o mundo, exercendo seu poder, em consonância com Bordieu (2001) que afirma que o poder simbólico para a Psicanálise é um poder de construir a realidade que tende a estabelecer uma ordem natural: o sentido consecutivo do mundo (e, principalmente, do mundo social) supõe a ter uma concepção consistente do tempo, espaço, número, causa, tornando possível a concordância entre as inteligências.

No tocante à relação do indivíduo com a família, é sabido que acontece a identificação como um sujeito faltoso, o que é inevitável, pois,

nos primeiros anos de vida a relação simbiótica que o bebê tinha com a figura materna foi rompida; logo, as expectativas também foram frustradas. Portanto, ele se viu e se descobriu sozinho no mundo. Apesar de a falta ser apercebida como ruim, ela promove ao mesmo tempo um apoio; uma construção da própria pessoa, para que possa ir em busca do seu lugar no mundo. Nesse sentido pode surgir a angústia que se faz presente quando esse apoio falha, estando ela, relacionada ao esperar que o outro te complete em algo. É importante destacar que esse sentimento tem uma relação intensa com a expectativa: é esperar por algo. E pode ser indefinido e vazio. Pois, esse algo, pode não ser correspondido. (PISETTA, 2009).

Nesse processo complexo, onde a infância é deixada para adentrar a adolescência, há um estado de perturbação, onde o narcisismo e as noções de pulsão estão latentes, não se veem capaz de resolver as situações conflitantes que podem causar sofrimento, eles recalcam os sentimentos e usam os mecanismos de defesa do Ego para se proteger, pois podem se sentir desamparados e desorientados. (RONDON, 2006).

A adolescência é um ciclo de oportunidades e riscos; de crescer, não só fisicamente, mas ser competente socialmente e cognitivamente, consolidar autoestima, entre outros. As pessoas que tem relações boas em termos de ser apoiado, seja com os pais, na escola ou na comunidade, se desenvolvem de

forma mais esperançosa e vigorosa, o que não é um impedimento de vivenciar riscos em seu bem estar físico e mental, por exemplo, acidentes, homicídio e suicídio, até porque tais comportamentos fazem parte da obtenção da maturidade que o cérebro do adolescente ainda está vivenciando. (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

No contexto Psicanalítico, a adolescência acontece depois que a criança passa pelo Complexo de Édipo, é dele que surgem os vínculos, sua forma de se relacionar, entre outros. Esse complexo não é somente uma crise sexual de crescimento, tudo o que a criança vive nele fica registrado em seu inconsciente tornando-se responsável pela identidade sexual do sujeito; assim como a formação da sua personalidade e formas de administrar conflitos. O Édipo é realidade, fantasia, conceito e mito; no olhar da abordagem, é em sua grande parte, uma fantasia. (SERRA et. al., 2017). Sendo assim, entende-se por fantasia, segundo Fochesatto (2011), o que designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens.

Assim, de acordo com os fatos acima descritos conclui-se que a fantasia influenciará na forma do sujeito ver, perceber e reagir ao mundo; sendo essa uma construção imaginária que tem para conseguir lidar com as demandas da vida, inclusive os conflitos e questões que caracterizam o desenvolvimento em termos de

mudanças durante o período da adolescência. Desta forma, se torna indiscutível a importância do apoio e a contribuição da família para que esse adolescente consiga passar por este processo da forma mais saudável possível encontrando formas de ressignificar e elaborar essas vivências sem que haja o adoecimento psíquico.

Destaca-se, a relevância da elaboração desta pesquisa para abordar a importância do apoio familiar na constituição do sujeito e no enfrentamento de seus processos de desenvolvimento, considerando que o contexto familiar influencia direta e indiretamente na forma como o sujeito irá lidar com as necessidades de cada fase da vida, principalmente na adolescência, sendo um período de mudanças significativas nas diversas áreas da vida, podendo desencadear desde sofrimento psíquico até quadros psicopatológicos, como a depressão, na qual a família possui um papel significativo no processo de recuperação do adolescente.

O objetivo geral é caracterizar como o apoio familiar pode influenciar significativamente a longo prazo em casos de depressão na adolescência, os objetivos específicos serão: compreender o contexto de vida do sujeito a partir da psicanálise, especificar a adolescência e caracterizar a depressão, descrever os prejuízos que a depressão na fase da adolescência pode acarretar em diversos aspectos da vida e enfim explicar como a família

pode influenciar e contribuir no quadro patológico e no processo de recuperação do adolescente.

A pesquisa realizada é classificada como uma revisão bibliográfica, isto favorece para o pesquisador o reconhecimento em detalhes das características do trabalho que ele próprio está desenvolvendo; a busca se deu através de bibliotecas virtuais e físicas, utilizando publicações em português, no período de 1998 a 2021. A pesquisa bibliográfica é caracterizada por abordar a temática de forma realista, valorizando conceitos, palavras-chave, ideias principais, o problema e os objetivos; dentro deste contexto também há a seleção e organização das fontes por meio das referências, organizar e buscar os autores para uma exploração mais a fundo, tendo-os como embasamento teórico. O método é no modo histórico, que permite a compreensão da realidade e dos fenômenos pela história e de caráter investigativo. As palavras-chave utilizadas foram: depressão, adolescência, psicanálise e contexto familiar.

2. A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NA FORMAÇÃO DO SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

No que tange a Psicanálise, o contexto familiar tem grande impacto quando se imagina o futuro de um adolescente, pois, os conteúdos vivenciados por ele até mesmo desde a sua fecundação, segundo Kupfer (1992) vão para o

inconsciente que é sustentado pelo Complexo de Édipo, e se interligam por meio da dinâmica familiar, claramente, no seio de um triângulo familiar (pai-mãe-filho). Os papéis que cada um ocupa que são as funções propriamente do pai, da mãe e do filho são articulados diretamente na vida do sujeito como uma Lei que opõe o seu próprio desejo. Logo, compreende como um freio norteador do que lhe convém ou não, formando assim a sua forma de se relacionar.

Em referência, ainda, a visão psicanalítica, antes da criança se tornar adolescente ocorre um processo que pode ser norteador para as próximas concepções das suas próprias relações, o chamado Complexo de Édipo, Kupfer (1992) ressalta que esse complexo tem total ligação com a fase da castração, que é quando a criança percebe a sua diferença sexual anatômica das demais pessoas de sua convivência; e é nesse momento que a criança se desloca e deixa de se ver como o sujeito da posição subjetiva em que se encontrava, na posição narcísica em que nada lhe faltava porque tinha a mãe como a sua completude se sentindo sem nenhuma falha. Com o início dessa castração essa criança se vê pressionada por ter que fazer escolhas, decidir o que fazer com a realidade que é a ruptura da relação simbiótica com o objeto de desejo (a mãe), as opções dela são: recalcar (deixar no inconsciente e não viver a realidade tal como ela é) ela torna-se um sujeito na classe dos neuróticos, se ela recusar, sem desalojá-la do

inconsciente se torna perverso e se ela simplesmente expulsar essa Lei para fora do seu inconsciente está sujeito a se tornar psicótico. Portanto, todas as pessoas vivenciam esse processo e tudo depende de como ele se desenvolve para formar uma das três estruturas psíquicas: neurótico, perverso ou psicótico; o que influenciará em todos os âmbitos da vida.

No que diz respeito ao desenvolvimento humano, acredita-se que cada etapa da vida demanda aspectos diferentes, definindo normas, comportamentos e expectativas em relação a cada processo, em concordância com valores impostos pela sociedade, grupos sociais e relações intergrupais. São vistas como verdades por serem congruentes com os valores que o contexto cultural, no qual se está inserido, determina. (ALMEIDA e CUNHA, 2003). Ou seja, em cada momento vivenciado podem ser criadas concepções diferentes em diversos aspectos, em que o adolescente, sofre ou não mudanças a longo prazo, tanto benéficas quanto malélicas, psíquicas ou em qualquer outra dimensão, podendo ser de proporção definitiva; a cultura e a forma como se vê aceito socialmente, também tem grande influência no desenvolvimento do adolescente enquanto sujeito.

3. A ADOLESCÊNCIA EM SI

A adolescência é compreendida como uma fase natural do desenvolvimento humano,

isto é, todos os seres humanos passam por ela assim que perpassam a fase infantil; são múltiplos os acontecimentos até que ela finalmente se estabeleça, entre eles: pelos corporais, crescimento inesperado, desenvolvimento das características sexuais, esses fatores contribuem para o surgimento da rebeldia, insatisfação, onipotência, crises geracionais, tudo isso é definição para o ser adolescente. Em 1976, Erickson, sobrepôs a adolescência em caráter institucional, tal fato concebeu o conceito de moratória caracterizando ser uma fase especial no processo de desenvolvimento, ficou marcada pela obtenção de confusão de papéis, dificuldades de estabelecer sua própria identidade; mas nem por isso, deixou de ser um modo de vida que se localiza entre a infância e a vida adulta. (BOCK, 2004). Ninguém está isento de passar por esta fase que demanda diversos acontecimentos, por vezes, conflitantes, vista com frequência como uma fase complexa, mas, depois que a adolescência passou a ser institucionalizada, reforçou-se ainda mais as características específicas desta fase, como sendo normal para qualquer sujeito.

No que diz respeito ao que seria sintomas de uma adolescência normal, Bock (2004), frisou que Knobel inseriu a informação de ser normal o adolescente que apresenta:

- 1) busca de si mesmo e da identidade;
- 2) tendência grupal;
- 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- 4) crises

religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. (BOCK, 2004, p. 33).

Logo, o que está além disso, pode-se caracterizar como alguma anormalidade que esteja ocorrendo.

Houve um processo para a adolescência se naturalizar, porém, ela se concretizou definida como uma fase complexa, repleta de conflitos naturais. A cultura nesse contexto se torna como um molde passível da expressão de uma adolescência naturalizada, mas que por outro lado, há a pressão que a sociedade atual impõe, dentre a moratória ao adolescente pela dificuldade e principalmente, demora para ingressar no mundo do trabalho. Nas bases teóricas se percebe a visão de que o homem é pertencente a uma natureza, de uma espécie, e gradativamente vai crescendo, se desenvolvendo e se relacionando com o meio pertencente, na medida que isso acontece, se aprimora características que já fazem parte dele, de forma natural; a adolescência tem esses aspectos, características que decorrem do processo de amadurecimento, hormônios jogados na circulação sanguínea e o desabrochamento da

sexualidade genital, isso é o que compõe o adolecer de forma normal. (BOCK, 2004).

Bock (2004) ainda ressalta que Becker, em 1989, propôs que esse processo de progredir da infância para a adolescência, gera atitudes e muda a posição do sujeito, hora antes um simples espectador, agora, ativo e questionador, incluindo capacidades de se revisar, autocriticar e se transformar. A adolescência é vista como uma transformação, do ponto de vista da sociedade e até cultural, nas formas de se expressar.

Calligaris, destacou que, para o adolescente sobra somente a espera, procrastinação e o enigma que os confrontam, por ter uma moratória forçada de sua vida, o que estabelece uma insegurança drástica. O que o adolescente espera socialmente é superar a moratória e concluir o que ele pode finalmente ser, em um dilema, para não se tornar um executor dos desejos adultos. Assim, ele conclui que a adolescência está mais dependente do que os adultos desejam e não nas próprias formas de viver atuais. (BOCK, 2004).

Deve-se ressaltar a autonomia que o adolescente busca constantemente, pois, há esse desejo de se libertar dos pais, de ter a sua própria visão sobre as perspectivas da vida, mas ao mesmo tempo, os pais também não querem perder o controle sob a vida de seus filhos. É nesse período que surgem os maiores conflitos, pois, os critérios, gostos, vontades, regras e afins, são diferentes, no âmbito pais e filhos;

nesse período, é característico o jovem apoderar-se de oposição ao que está sendo estabelecido no seu contexto familiar, é uma das características da adolescência, se opor aos pais e ao mundo adulto. (BOCK, 2004). Há uma discordância pelas visões de mundo se diferenciarem e chocarem, até mesmo a forma de dialogar dificulta a proximidade do relacionamento.

Sendo assim, esse processo de desenvolvimento, é concebido com um olhar problemático da vida, que deve ser excedido, porque as próprias características são vistas de formas negativas e irrelevantes da idade. Socialmente, o jovem é julgado com desconfiança e imaturidade, fazendo-o sentir-se desvalorizado na sociedade inserida, o que só reforça o conservadorismo do adulto. (BOCK, 2004). Entretanto, se entende que a sociedade já tem certa concepção da adolescência, justamente por se diferenciar e ter suas próprias características, na maioria das vezes, divergente das outras etapas da vida; o que faz o adolescente se sentir desconfortável e até julgado.

Todavia, a adolescência não deixa de representar um período de transformações recorrentes, em todos os níveis: psíquico, físico e social; o sujeito ao adentrar esse processo se identifica num novo corpo, que anseia também por uma nova identidade então ele passa a participar de outros contextos, que antes era só familiar, sendo inserido nos contextos sociais, o que gera bastante sofrimento, porque ele também vivencia perdas da própria imagem que

está deixando pra trás (infantil), aos pais que idealizava na infância e a própria identidade. Essas perdas representam para ele um rompimento com o passado, mas somente assim, ele conseguirá ter uma visão de futuro, ao se desligar das figuras parentais e se considerar independente para fazer escolhas. (BIAZUS e RAMIRES, 2012). É dificultoso para o adolescente se inserir socialmente, porque, além de perceber que está perdendo a sua imagem, os pais e sua identidade ele tem que lidar com o sentimento de estar rompendo com a vida que ele teve até o momento, constitui-se um processo necessário para a sua independência, o que não deixa de ser árduo.

Biazus e Ramires (2012) transcreveram que para Levy, em 2007, o processo do adolescer é considerado como um reordenamento simbólico, o que configura um desligamento, das formas de representações pelo self na infância e criação de uma nova imagem, que condiz com a sua nova subjetividade. Além de ser uma construção da própria imagem o sujeito vê a necessidade de reorganizar o seu mundo simbólico, o que consiste no principal e mais complexo desafio da adolescência. Todo o processo de transformação atinge não só o adolescente, mas todos os que com ele convivem. A perda desse sistema de representação da infância desperta diversos sentimentos, como: ansiedade depressiva, paranoide, aniquilamento e o próprio sentimento de se despersonalizar de si mesmo.

É importante ressaltar que todas as perdas configuradas pelo adolescente geram sofrimento e angústia, o que torna frequente as manifestações psicopatológicas. (BIAZUS e RAMIRES, 2012). O adolescente na construção como sujeito da própria identidade ainda não está pronto para lidar com tantas mudanças e conflitos simultâneos nos diversos âmbitos da vida, até com o próprio ser, por isso, pode desenvolver problemas psicológicos, dos mais leves aos mais graves, tais como a depressão.

4. DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA

Engana-se a pensar que a problemática da depressão no âmbito da adolescência sempre foi reconhecida, ao contrário disso, Biazus e Ramires (2012) ressalva que a depressão como uma doença mental sempre foi entendida como sendo particularizada do público adulto; foi apenas no ano de 1960 que ela começou a ser evidenciada como uma possibilidade de atingir a infância e também adolescência, todavia, muitos estudos estão sendo desenvolvidos nessa temática, pois, é um problema de crescimento rápido e por isso necessita de atenção no aumento do número de casos na contemporaneidade.

Biazus e Ramires (2012) cita que, no que se referem aos sintomas depressivos, estes se diferenciam conforme a idade, não podendo desconsiderar o quão relevante é, a questão da maturidade, vista de formas diferentes, em cada

uma das fases do desenvolvimento humano. Tendo em mente as particularidades da adolescência, existem alguns sintomas pertinentes desta faixa etária, como:

“irritabilidade e instabilidade, humor deprimido, perda de energia, desmotivação e desinteresse, retardo psicomotor, sentimentos de desesperança e/ou culpa, alterações do sono, isolamento, baixa autoestima, ideação e comportamento suicida, problemas graves do comportamento, distúrbios do sono, agressividade, prejuízo no desempenho escolar e queixas físicas. Também são descritos como sintomas da depressão na adolescência atividades de risco e antissociais, não cooperatividade e dificuldade na identificação e expressão de sentimentos, ansiedade.”

Nitidamente, fica claro que, para estabelecer qualquer diagnóstico sobre a depressão no adolescente, é preciso que haja o respeito, considerando as características propriamente imprescindíveis da adolescência, o que, auxilia numa melhor e mais autêntica compreensão deste problema. (BIAZUS e RAMIRES, 2012). É indiscutível a necessidade de um olhar atencioso, preciso e cuidadoso para que nenhuma informação relevante passe despercebida no processo de entendimento desta doença de saúde pública, que afeta principalmente a psique.

Sobre a origem da depressão em adolescentes, entende-se que, é a interferência da ocorrência de diversos fatores, de ordens biológicas/genéticas, psicológicas e sociais. Na grande maioria dos estudos já concluídos,

ressalta-se que os componentes genéticos e principalmente a presença de depressão na família, expandem o risco de o adolescente desenvolver essa patologia. (BIAZUS e RAMIRES, 2012). Nenhum depressivo escolheu ter depressão ou aconteceu por acaso, ao contrário disso, o que ocorre no percurso é a junção de diversos aspectos marcantes no decorrer de sua vida.

Segundo Biazus e Ramires (2012) é importante salientar que o desenvolvimento da depressão nos adolescentes se associa com a peculiaridade dos vínculos afetivos estabelecidos quando ainda criança e interligados com os seus primeiros objetos, isso, permite entender a etiologia da depressão, através da Teoria do Apego, que ressalta que o fator impulsionador dessa psicopatologia é o apego de forma insegura ou o vínculo inadequado com figuras parentais. O que a Teoria do Apego transparece é que a depressão é uma problemática dos vínculos, pois, o desenvolvimento no geral, tanto afetivo, cognitivo e social está correlacionado com a forma que se estabeleceu os vínculos durante a fase infantil; no apego o que ocorre é uma variedade dos vínculos afetivos, e o sentimento de segurança depende do relacionamento estabelecido com a figura de apego, que quase sempre é um dos genitores; se ocorrer um vínculo de base segura, o adolescente detém confiança para exploração do mundo a fora.

Notadamente, é inquestionável a importância

das bases familiares transmitirem o afeto principalmente neste processo para moldar o sujeito de tal forma que ele se concretizará através de suas vivências.

Ainda em consonância com Biazus e Ramires (2012) o apego, não é tão explorado na adolescência quanto é na infância; isso acontece porque na fase infantil se detém com mais facilidade a percepção da importância das relações de apego, já na adolescência, em que há um desligamento das figuras parentais automaticamente, se torna menos notável que o adolescente precise de apego; cabe ressaltar que, o apego para o adolescente entre as relações parentais tem total conexão com o seu ajustamento emocional. Constata-se que estabelecer um bom vínculo de apego com as figuras mais importantes do convívio, tem uma colaboração significativa para o processo de se adaptar; é mais importante até do que o relacionamento entre pares (amorosamente).

Em suma, é perceptível o quanto a família pode auxiliar desde a identificação de algum sintoma característico da depressão até a consolidação e/ou contribuição na formação das bases emocionais do adolescente, que por meio do apego seguro terá um repertório para lidar com maior destreza com as demandas que venham a surgir; notando ser o período que mais necessita de suporte, pois, o adolescente ainda não tem as percepções concretas, se constituindo em processo de construção e necessitado de auxílio. Para Biazus e Ramires (2012) esse

processo acontece, pois, ele necessita de uma nova identificação, o que exige que, o sujeito deixe de lado as referências que antes se sobrepunham a sua imagem infantil e agora passa a se submeter a uma reconstrução, que suporta a sua nova individualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do presente estudo foi possível apontar características do contexto familiar em que o sujeito esteja inserido, podendo influenciar diretamente nos casos de depressão, principalmente para os adolescentes que necessitam do desligamento das figuras parentais, mas ao mesmo tempo, também precisam do apoio familiar.

Para a realização desse trabalho, foi necessário abordar algumas temáticas de suma importância, tais como: o que é depressão, os sintomas gerais, fatores que podem contribuir para o surgimento da doença, o período que compreende a adolescência, a importância de se relacionar, as primeiras referências da vida, que estão inseridas no ambiente familiar (pai e mãe). As representações familiares são referências para a vida do sujeito independente das atribuições de valores que podem ser dadas e do impacto que elas podem causar na vida do sujeito. Observa-se que na adolescência após ocorrer o desligamento das figuras parentais, o sujeito se constitui como detentor de poder, mas ao mesmo tempo, faltoso; contudo, a forma

como se dará a relação com os pais vai influenciar em diversas etapas da vida dele, assim como a forma com que ele vai perceber o mundo e vivenciá-lo, inclusive relacionar-se com outrem.

É válido afirmar que para a Psicanálise, na relação com os pais, passando pelo complexo de Édipo, a forma como ele será vivenciado contribuirá principalmente na construção da fantasia, influenciando no desenvolvimento do sujeito, inclusive, de como ele vai lidar com as questões do mundo, podendo vir a ocasionar uma depressão na adolescência se houver a junção de fatores biopsicossociais que desencadeiem seu surgimento.

Conforme os fatos já mencionados, é inegável que as fases primárias (infância e adolescência) terão grande impacto ao longo de toda a vida do sujeito, podendo haver prejuízos na questão psíquica e o desencadeamento de uma depressão, influenciando na sua qualidade de vida e sono, perda de prazeres, queda no rendimento escolar, em casos mais graves se mutilar e até pensar em tirar a própria vida; e conseqüentemente, impactando não só a família, mas também a sociedade.

Tendo em vista o que fora apresentado, verifica-se a relevância de como o processo de desenvolvimento do adolescente é impelido pela relação familiar e como isso pode fornecer auxílio em casos de adoecimento psíquico, assim como também podem ser fatores de risco para o desencadeamento de um estado

depressivo podendo afetar o sujeito e toda sua configuração familiar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; CUNHA, Gleicimar Gonçalves. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 147-155, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100015>.

BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, Adriana Said Daher; DIAS, Rosana Righetto. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 52-61, jun. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932001000200007&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 09 Abril de 2021.

BIAZUS, Camilla Baldicera; RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 17, n.1, pág.83-91, março de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 07 de maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000100010>.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, Apr. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622004000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 06May

2021. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100003>.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CID 10. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento** Cid 10. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; Tradução Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artmed, 1993.

DANTAS, Nara Maria. Adolescence and psychoanalysis a theoretical possibility. 2002. 56 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2002. **Disponível em:** <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/182#preview-link0> **Acesso em:** 06 de março de 2021.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Melanie Klein. 2011. **Disponível em:** <https://www.circulopsicanaliticors.com.br/arquivos/56334bc19d5b6.pdf> **Acesso em:** 09 de Abril de 2021.

KUPFER, Maria Cristina Machado. A contribuição da psicanálise aos estudos sobre família e educação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 77-82, 1992. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771992000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 maio 2021.

MIURA, Paula Orchiucci. et. al., Adolescência: o significado para adolescentes. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30448> Acesso em: 09 de Abril de 2021.

PAPALIA, D.E; FELDMAN, R.D; **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi (et al); Revisão Técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 387 p.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. A falta da falta e o objeto da angústia. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 26, n. 1, pág. 101-107, março de 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a11v26n1.pdf> Acesso em 31 de março de 2021.

RONDON, Pedro Henrique Bernardes. A adolescência, seus conflitos e soluções. **Ágora (Rio J.)**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 145-147, Junho 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a12v9n1.pdf> Acesso em: 11 de março de 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 888 p. Disponível em: <https://www.circulopsicanaliticors.com.br/arquivos/56334bc19d5b6.pdf> Acesso em: 10 de março de 2021.

SERRA, Heid Helen, et al., Um olhar psicanalítico sobre laços afetivos na modernidade e a influência de aplicativos na construção do vínculo. **Rev Pathos**, São Paulo, V. 05, n.03, 2017 65, 2017. Disponível em: <http://revistapathos.com.br/volumes/volume-05/07.pdf> Acesso em: 21 de março de 2021.